

A FUNÇÃO DISCURSIVA DO OBJETO INCORPORADO EM NARRATIVAS ORAIS DO PORTUGUÊS*

*Clésio Roberto Gonçalves**

RESUMO

Este trabalho adota o conceito de objeto incorporado desenvolvido por Saraiva (1997a, b) e, a partir daí, propõe-se explorar a função discursiva do objeto incorporado, ou seja, as funções que o SN desempenha no discurso, estudando tal fenômeno em português, sob um prisma mais amplo, que permita a visão daquilo que antecede e sucede a unidade lingüística, bem como a recorrência deste tipo de unidade em ambientes semelhantes e distintos.

Uma vez que este trabalho se propõe explorar a função discursiva do objeto incorporado e verificar a distribuição desse fenômeno lingüístico em narrativas orais do português, opta-se, então, por partir dos pressupostos teóricos da abordagem funcional dos estudos lingüísticos, no seu modelo norte-americano. Objetiva-se, primeiro, justificar por que esta pesquisa se apóia nesta perspectiva teórica.

No funcionalismo lingüístico norte-americano (de orientação givoniana), o conceito de **discurso** consolida-se a partir das análises de Sankoff & Brown (1976), no estudo a respeito da “origem da sintaxe no discurso”. Nessa obra, em que assinalam a passagem do *pidgin* “*Tok Pisin*” à língua crioula de Papua, Nova Guiné, verificam os autores a tendência à regularização de algumas alternativas ou arranjos da

* Este texto constitui uma versão simplificada de partes de minha dissertação de Mestrado, defendida em 20/12/99, na FALE/UFMG.

** Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto – MG.

expressão lingüística, que, uma vez sistematizados, passam a representar não mais uma das opções, mas a forma regular de comunicação dos usuários.

Assim, assume-se **discurso**, neste trabalho, como o modo individual de organização da língua, relativo a necessidades de natureza pragmática, passível de sujeição a toda sorte de interferência (tipo de texto, intencionalidade, modalidade, variáveis sociais, dentre outras). A esfera discursiva é o âmbito da escolha, da seleção das alternativas mais capazes e adequadas de comunicação. É no **discurso** que se expressa a individualidade, que sobressai aquilo que nos difere lingüisticamente uns dos outros.

No outro extremo da fortuidade discursiva¹ está a **gramática**, entendida como o conjunto das regularidades da língua. O termo **gramática**, nas palavras de Martelotta, Votre e Cezário (1996, p. 48), representa o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso. Isto significa que, para os funcionalistas, a **gramática** não é um organismo auto-suficiente gerado por fatores cognitivos inatos, mas uma conseqüência de padrões que se estabelecem no uso. **Gramática** e **discurso** não são conceitos separados, mas, para esses autores, ao contrário, constituem uma simbiose: são entendidos como faces da mesma moeda, em interferência recíproca – o **discurso** molda a **gramática** e é, ao mesmo tempo, moldado por ela.²

Se o discurso é o eventual, a gramática é o sistemático, o padrão. Situam-se, nesse conjunto, as formas e expressões que, pela freqüência de uso e alta convencionalização, surgem como o modo social compartilhado de comunicação, menos sujeitas aos fatores pragmáticos. Haiman (1994) se refere às formas gramaticais como processos de ritualização, que, à semelhança de outros modos comportamentais da cultura humana, são automatizados, utilizados repetida e mecanicamente por toda a comunidade.

Na abordagem funcionalista, a questão da freqüência e rotinização é vital para a fixação de padrões gramaticais. Os usos lingüísticos são entendidos, assim, como um conjunto de procedimentos não-estabilizados e estabilizados, como a combinação de estratégias discursivas e gramaticais, do domínio individual e do social, da fortuidade e da convenção.

Em sua versão mais madura e refinada, o funcionalismo (Givón, 1995) “leva a sério” as pressões estruturais, admitindo a importância e a influência da convenção gramatical. Mas, deve-se deixar claro, sua preocupação é a gramática de “uso”. O estudo dos fatos gramaticais, sob esta ótica, considera seus contextos de ocorrên-

¹ Aqui, quando se diz “(...) no outro extremo da fortuidade discursiva (...)”, não se pretende, com isso, sugerir que haja oposição entre gramática e discurso, como se expõe a seguir.

² Cunha et al. (1999, p. 91) enfatizam, também, que “o uso da língua molda a gramática (...), a gramática é primariamente moldada por generalizações nos padrões de uso”.

cia, ou seja, o “discurso”, como o momento e o lugar onde estes fatos são gerados, relativamente fixados e continuamente reformulados. Esta perspectiva lingüística ultrapassa o limite da sentença e avança na análise de sentenças contextualizadas em textos extensos, ou seja, uma abordagem que se preocupa em não tomar sentenças descontextualizadas como matéria prima para as reflexões.

Esta é, também, uma das preocupações desta pesquisa: ultrapassar os limites das estruturas, partindo para a análise da ocorrência do objeto incorporado nas 13 narrativas orais³ do *corpus* deste estudo, ou seja, uma preocupação constante em não tomar estruturas descontextualizadas como matéria-prima para este estudo do objeto incorporado. Em síntese, procura-se estudar um fenômeno da língua no seu contexto social de uso.

Para a perspectiva funcionalista, a unidade básica do uso lingüístico não é a palavra ou a sentença, mas o *discurso* ou o *texto*,⁴ criado pelo falante ou escritor, ao fazer uso de um conjunto de opções disponíveis no componente textual e relevantes ao contexto. É nesse sentido que cada sentença se organiza como uma mensagem, cuja estrutura é, essencialmente, uma estrutura temática, na medida em que a predicação se faz em torno de um tema.

Esta pesquisa pretende estudar o fenômeno do SN nu objeto incorporado em português, sob um prisma mais amplo, que permita a visão daquilo que antecede e sucede a unidade lingüística, bem como a recorrência deste tipo de unidade em ambientes semelhantes e distintos, explorando, então, a função discursiva.

Na prática, funcionalistas estudam o **uso** da língua **no discurso**, conforme explicitam Naro & Votre (1992, p. 289), isto é, o uso da linguagem em situações de fala concreta (13 narrativas orais espontâneas, no caso específico desta pesquisa). Uma vez que os dados que interessam à abordagem funcionalista são buscados **no**

³ Os dados utilizados neste trabalho foram colhidos das narrativas orais espontâneas que integram o *corpus* de análise do projeto “O SN nu em Português Reexaminado”, desenvolvido pela Professora Dr^a Maria Elizabeth Fonseca Saraiva, da UFMG. Foram colhidas treze narrativas do português brasileiro, através de gravações individuais, em fita-cassete, com duração de 2h49’43” (duas horas, quarenta e nove minutos e quarenta e três segundos). Todas as narrativas foram registradas sem a presença de outros indivíduos que não o documentador e o informante. A opção por esse procedimento visou, sobretudo, a permitir que as narrativas fluíssem o mais espontaneamente possível. Já do ponto de vista do desenvolvimento temático, foi concedida uma total liberdade aos participantes de escolha dos temas tratados no decorrer das interações. A única orientação que lhes foi transmitida refere-se ao fato de que o assunto fosse uma situação real, em que o informante tivesse sido emocionalmente envolvido e que o documentador ainda não tivesse tido conhecimento, para evitar pressupostos, referência às informações compartilhadas anteriormente, etc. Os narradores têm perfil semelhante. São todos falantes do português do Brasil, nascidos no estado de Minas Gerais, e, na sua maioria, sempre residiram em Belo Horizonte, uma das maiores e mais populosas cidades do país. A faixa etária está situada entre 20-50 anos. Têm nível de escolarização indo de formação universitária a pós-graduação (doutorado), sendo nove deles do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Dez informantes têm conhecimento de língua (s) estrangeira (s) e fazem algum uso dela (s), enquanto os outros três têm apenas um conhecimento básico, praticamente irrisório.

⁴ Entende-se *texto*, aqui, como o conjunto de cláusulas que através de mecanismos coesivos codificam, coerentemente, informações, respeitando a continuidade do sentido (Silveira, 1997).

discurso, portanto, contextualizados, é possível a verificação empírica, a contagem de freqüências, a visão e o controle do contexto lingüístico anterior e posterior, e a correlação com variáveis sócio-culturais e pragmáticas.

Ao se explorarem as propriedades discursivas do objeto incorporado, procura-se, também, fazer uma análise sintática e semântico-pragmática deste fenômeno. Nesse sentido, toma-se por base Givón (1984), que destaca a necessidade (defendida, também, em outros trabalhos seus) de se buscar uma descrição explícita, sistemática e compreensiva da sintaxe, semântica e pragmática como um todo unificado.

OBJETO INCORPORADO

O presente trabalho adota o conceito de objeto incorporado desenvolvido por Saraiva (1997a) – **Buscar menino no colégio**: a questão do objeto incorporado em português. Em seu estudo, a lingüista investiga o comportamento gramatical do SN nu objeto em construções produtivas do português e descreve os aspectos sintáticos e semânticos característicos deste constituinte.

Por **SN nu**, Saraiva entende o SN constituído somente do nome comum (núcleo) na sua forma básica, sem marca de plural. Partindo da oração – “**Buscar menino no colégio**” –, a autora entende por SN nu o constituinte exemplificado por “**menino**”. Já com a expressão **SN pleno**, a autora se refere a SNs constituídos do nome, singular ou plural, acompanhado de determinantes e/ou modificadores diversos. Os exemplos⁵ citados a seguir ilustram, respectivamente, os dois casos:

- (1) a) Fui buscar **menino** no colégio às cinco horas.
- b) Fui buscar **a minha filha** no colégio às cinco horas.

Ao analisar a distribuição do SN nu objeto em cotejo com a dos SNs plenos, a autora verifica que o primeiro (o SN nu objeto) elege a posição imediatamente após o verbo como a única natural para a sua ocorrência, diferentemente do que ocorre com o SN pleno. Assim, por exemplo, as estruturas de (2), abaixo, em que o SN nu perde a colocação adjacente ao verbo, devido à intercalação de outros constituintes, são estranhas, ao contrário do que se verifica em (3):

- (2) a) * Fui buscar no colégio **menino**.
- b) * Vou alugar depressa **apartamento**.

⁵ Os exemplos de toda esta seção, embora não sigam a ordem do original, foram retirados de Saraiva (1997a).

- (3) a) Fui buscar no colégio a **filha de Maria**.
 b) Vou alugar depressa o **apartamento de meu vizinho**.

Esse comportamento sintático, defendido por Saraiva (1997a), está em sintonia com o comportamento semântico do constituinte em apreço. Antes de demonstrar isso, contudo, inicialmente, a autora investiga os traços que identificam algumas leituras que SNs na posição de sujeito podem ter. Partindo do seguinte conjunto de traços componentes da interpretação de SNs (Saraiva, 1997, p. 35),

Quadro 1
Alguns traços componentes da interpretação de SNs

a) Identificabilidade	[± I]
b) Foco nos membros integrantes da classe	[± M]
c) Qualificação universal	[± U]

a autora identifica, pelo menos, três diferentes acepções, ilustradas pelos constituintes grifados em (4):

- (4) a) **Este menino** incomoda.
 b) **Mosquito** provoca doença.
 c) **Pombos** sobrevoaram o Palácio durante a cerimônia.

Assim, Saraiva (1997), com base na propriedade **identificabilidade**, afirma ser possível caracterizar “este menino” em (4a) como [+ identificável], enquanto os sujeitos de (4b) e (4c) são assinalados como [- identificável]. Com o traço [+ identificável], a lingüista procura descrever o fato de que o constituinte grifado em (4a) se refere a uma entidade em particular, passível de ser identificada, destacada dentre todos os membros possíveis da classe ‘menino’, ou seja, é possível discriminar tal ‘menino’ dentre todos os demais membros de sua classe, o que já não se verifica em (4b) e (4c), marcados como [- identificável], isto é, [-I].

Saraiva defende que, apesar das diferenças relativas à identificabilidade, pode-se apontar, todavia, uma característica semântica comum aos SNs sujeitos de (4):

(...) todos eles focalizam (embora sob prismas diferentes) os membros integrantes das classes consideradas. Ou seja: a asserção é feita sobre entidades componentes desses grupos (...) O SN, nesses casos, não é interpretado apenas como um conceito, um feixe de atributos que caracterizam uma classe. Antes o que interessa aí são as entidades portadoras de tais atributos. (Saraiva, 1997a, p. 33)

Essa propriedade é caracterizada pela autora como [+ **foco nos membros integrantes da classe**], isto é, [+M].

Ela explicita, ainda, que a propriedade [+M] pode-se manifestar nos SNs, de modos diferentes. Assim, por exemplo, de um lado, os membros da classe podem ser considerados na sua totalidade, isto é, cobre-se toda a extensão do conjunto. É o que se verifica em (4b). Logo, uma das maneiras de focalizar os membros de uma classe é realizada através da **quantificação universal**. Isso fica evidente através da paráfrase (5), sugerida por Saraiva:

- (5) a) **Todo/Qualquer** menino incomoda.
 b) Para todo X, se X é menino, X incomoda.

(4b) é classificado, então, com o traço [+U] do Quadro 1.

A outra perspectiva sob a qual os membros de um conjunto podem ser considerados é assim explicada por Saraiva: "(...) é possível focalizar os membros de uma classe através da relação de subconjunto. Nesse caso, há uma idéia de partitividade, há um recorte, na extensão do nome. De outra forma: apenas parte dos membros constitutivos da classe são recortados, são levados em conta" (Saraiva, 1997a, p. 34). Esse aspecto da interpretação semântica dos sujeitos de (4a) e (4c), atesta a autora, pode ser descrito como portando o traço [-U] das propriedades listadas no Quadro 1.

Vê-se, até aqui, que os exemplos de (4) ilustram três diferentes significados de SNs. Saraiva reserva as seguintes propriedades (Saraiva, 1997, p. 36) para caracterizá-los, respectivamente:

Quadro 2
Algumas interpretações de SNs

- a) Identificável – caracterizada pela matriz: [+I, +M, -U]
 b) Atributiva – caracterizada pela matriz: [-I, +M, + U]
 c) Partitiva – caracterizada pela matriz: [-I, +M, -U]

A partir das interpretações de SNs apresentadas acima, Saraiva (1997a) procura caracterizar o comportamento semântico do **SN nu objeto**. Considere-se a seguinte sentença:

- (1) a) Fui buscar **menino** no colégio às cinco horas.

Do ponto de vista da **identificabilidade**, o SN grifado em (1a), segundo a autora, deve ser marcado como [- identificável], à semelhança do que se verificou

antes para os SNs **atributivos** e **partitivos**, respectivamente em (4b) e (4c); sendo assim, é possível, já de início, distingui-lo dos SNs identificáveis, assinalados com [+I] como no seguinte exemplo:

(6) Fui buscar **este menino** no colégio às cinco horas.

Já com referência ao traço [M] – **foco nos membros integrantes da classe** – segundo Saraiva, o objeto da oração (1a), abaixo repetida:

(1) a) Fui buscar **menino** no colégio às cinco horas.

deve vir assinalado como [-M], uma vez que não porta nenhuma das interpretações antes relatadas.

Para Saraiva, ao enunciar uma frase como (1a), o falante tem em mente destacar o **que fez** às cinco horas. Logo, não se focaliza qualquer membro da classe em questão, seja qual for o ângulo sob o qual se aprecie a estrutura acima. Nas palavras dessa autora, “assim, por exemplo, não se está considerando a classe ‘menino’ sob a totalidade dos elementos que a compõem, ou seja, não se está interessado em cobrir a extensão do conjunto”. (Saraiva, 1997a, p. 48)

Tampouco se pode interpretar que o SN nu objeto esteja destacando um menino dentre os demais do conjunto, ao contrário do que ocorre em (6), ou que esteja em jogo uma **quantidade** não especificada de meninos, à semelhança do que se vê em (4c), na qual se efetua um recorte nos membros integrantes da classe de “pom-bos”. De acordo com a autora supracitada,

*Na verdade, no exemplo em pauta,⁶ não interessa se o falante buscou um menino apenas, uma menina e um menino, vários meninos e meninas, etc. Em quaisquer dessas circunstâncias, continuaria sendo apropriado o uso da referida estrutura, já que aí focaliza-se o que foi feito – o **evento** – e não a entidade **menino**. (Saraiva, 1997a, p. 49)*

Para a autora, é essa interpretação que se procura captar através da propriedade [-M], isto é, [- **foco nos membros integrantes da classe**]. Acrescente-se, também, que, ao caracterizar o SN nu objeto, em (1a), como [-M], dispensa-se, ao mesmo tempo, referência aos traços [+ ou – U], por serem pertinentes apenas para os dados marcados com [+M].

Quando a lingüista investiga um pouco mais o que significa essa característica [-M] do constituinte considerado, constata que o SN objeto em (1a) é interpretado à luz dos traços definitórios de sua classe. Ou seja,

⁶ Exemplo (1a) deste trabalho, e (1.1) no original.

(...) *está em jogo o conjunto total das propriedades que caracterizam a descrição 'menino'. O nome aí é considerado como um 'feixe de traços'. Sendo assim, o sentido do nome, nesse exemplo, associa-se tão intimamente com o sentido do verbo, que os dois elementos, verbo + SN, passam a formar um todo semanticamente coeso, a traduzir uma idéia unitária (...)* Em outras palavras: o conjunto **verbo + SN** passa a designar um tipo de ação ou processo expresso pelo verbo: **buscar menino** é interpretado como uma modalidade de ação diferente de **alugar apartamento, comprar carro, tocar flauta, passar espanador, tomar café, viajar, cantar, etc.** (Saraiva, 1997a, p. 50)

Saraiva (1997a) assegura que essa função classificatória do nome em relação ao verbo é um traço semântico que não está presente nos SNs destacados em (4). É típica da leitura caracterizada como [-M]. A lingüista sintetiza os aspectos até aqui analisados do comportamento semântico do objeto representado por SN nu através dos traços [-I, -M], do quadro I, e mostra que a interpretação semântica do SN nu objeto não se identifica com nenhuma das acepções detectadas no quadro II. Esse elemento, ao qual ela reserva a denominação de **objeto incorporado**, tem um comportamento semântico *sui generis*, caracterizado pela seguinte matriz de propriedades [-I, -M, -Pr].⁷

Um quadro completo das acepções descritas por Saraiva (1997a, p. 60) é oferecido em seguida:

Quadro 3 Acepções dos SNs considerados

- a) Identificável – caracterizada pela matriz: [+I, +M, -U]
- b) Atributiva – caracterizada pela matriz: [-I, +M, + U]
- c) Partitiva – caracterizada pela matriz: [-I, +M, -U]
- d) Incorporada – caracterizada pela matriz: [-I, -M, -Pr]

Assim, conforme mostrado no Quadro 3, a autora reserva a denominação **objeto incorporado** para se referir ao constituinte em questão. Ela afirma que o rótulo escolhido sugere uma **incorporação** do sentido do nome ao sentido do verbo, de tal modo a constituírem ambos uma unidade semântica. Em outras palavras, o sentido do nome associa-se tão intimamente ao sentido do verbo, que os dois elementos, **Verbo + SN**, passam a formar um todo semanticamente coeso, traduzindo uma idéia unitária. No entanto, deve-se deixar claro, Saraiva (1997a) insiste em que, nas construções produtivas, que são o alvo de seu estudo, essa interpretação do todo semântico do conjunto **verbo + objeto incorporado** é composicional, ou seja, é previsível, dadas as regras semânticas do português.

⁷ Este traço [-Pr] se refere à impossibilidade de retomada do SN em pauta por pronomes pessoais do mesmo gênero e número deste SN.

FUNÇÃO DISCURSIVA DO OBJETO INCORPORADO

Nesta seção, propõe-se explorar a função discursiva que o objeto incorporado desempenha nas treze narrativas orais espontâneas que serviram de *corpus* para este estudo. Nesse *corpus*, foram detectados 87 casos de objeto incorporado, que constituem o alvo deste estudo.

Para tanto, inicialmente, levanta-se a seguinte hipótese:

- (I) A característica [-M]⁸ do objeto incorporado em português indica que tal elemento não introduz nem retoma participante do discurso.

Givón (1984) comenta que, nas línguas indígenas por ele examinadas, os objetos incorporados não são passíveis de se tornar tópicos do discurso, isto é, “aquilo a respeito do que se pretende falar”. (Cf. Pontes, 1987)

Segundo Givón, os argumentos das proposições se hierarquizam em termos do seu grau de importância na comunicação. Por sua vez, os tópicos relevantes manifestam-se através da continuidade, expressa pela frequência de ocorrência. Em outras palavras, participantes importantes, uma vez introduzidos, são recorrentes no discurso subsequente.

De acordo, ainda, com as reflexões de Saraiva (1997b), os participantes efetivos são foco de atenção, de ênfase, no discurso em que aparecem; são elementos retomados posteriormente no texto, ocorrendo em “cadeias de oração equi-tópicas”. Segundo ela, para que um SN possa codificar um participante do discurso é necessário que o traço [+M] faça parte de sua matriz semântica. Com base nesse fato, pode-se, pois, prever que a característica [-M] dos objetos incorporados em português indica que tais elementos não codificam participantes do discurso.

Para ilustrar, considere-se o exemplo (7):

- (7) (...) e fiquei conhecendo seu Sinval...
 ele:: um dia:: me abordou na saída...
 dizendo
 que **lia mãos** ...
 para saber sorte das pessoas... coisas desse tipo...
 eu achei
 que ele era um coitadinho... um pobrezinho...um velho...

⁸ [-M], isto é: [- foco nos membros integrantes da classe]. Traço apresentado por Saraiva (1997b), para se descrever o conceito de objeto incorporado.

então resolvi
 conversar ... (...)
 (N01:04a-12a)⁹

Em (7), verifica-se que um dos participantes centrais, “Seu Sinval”, uma vez introduzido via objeto direto típico, na primeira sentença, passa a tópico discursivo em orações subseqüentes, tanto pelo pronome anafórico “ele”, quanto pela anáfora zero (elipse) na posição de sujeito e objeto.

Já o objeto incorporado “mãos”, neste trecho, não introduz um referente, uma entidade da qual se pretende falar. Sua função, neste contexto, é caracterizar um tipo de atividade envolvendo o participante “Seu Sinval”. Esse, sim, é o centro da atenção no exemplo (7), conforme mencionado.

Em 96,5% dos casos de objeto incorporado analisados, a hipótese (I), acima apresentada, se confirma sem nenhuma margem de dúvida. Todavia, há 3,5% de exemplos, como (8) abaixo, em que as expectativas de (I), à primeira vista, parecem ser contrariadas: Observe-se:

(8) (...) quando eu cheguei em Bariloche...
 não tinha “*Mc Donald’s*”... nem “*Burger King*”... nem nada...
 aí então... fui experimentar
 comer “*pizza*”...
 não tinha “*Pizza Hut*”...
 então fui numa outra “*pizzaria*” lá...
 detesTEI a “*pizza*”...
 porque ela era... hum:: completamente diferente... (...)
 (N03:06b-13c)

Em (8), aparece o SN pleno definido – “a *pizza*” – como uma ocorrência posterior ao objeto incorporado à expressão “comer *pizza*”. Logo, de início, poder-se-ia pensar em uma retomada a partir do SN no presente nessa expressão.

Contudo, um exame mais cuidadoso do exemplo revela-nos que o narrador menciona diferentes lugares, nos quais tinha intenção de fazer uma refeição mais rápida: “*Mc Donald’s*”, “*Burger King*”, “*Pizza Hut*”. Não encontrando nenhum deles, dirige-se à “outra *pizzaria*”.

Ora, o que está sendo focalizado, neste caso, são as tentativas de se encon-

⁹ Lê-se narrativa de número 01, linhas 4a a 12a. A letra “a”, depois dos números 4 e 12, indica que a narrativa de número 01 possui vários cortes, ou seja, trechos distintos em que ocorreu objeto incorporado: primeiro trecho (A); segundo trecho (B); terceiro trecho (C); etc. Com isso, o trecho “4b – 12b” representa as unidades oracionais da quarta à décima segunda linha do segundo trecho da narrativa 01.

trar um lugar para se alimentar. A expressão “comer *pizza*” refere-se a uma das alternativas aventadas para o ato de se alimentar. No momento da enunciação da referida expressão, o falante não está introduzindo a entidade “pizza” como possível candidata a referências ulteriores.

Assim, como justificar a posterior menção definida em “detestei a *pizza*”? A explicação para esse caso pode ser encontrada em Fulgêncio (1983), quando comenta o exemplo (9), abaixo apresentado, que pode ser aproximado de (8), aqui discutido. Atente-se para:

(9) Roberto alugou um apartamento muito bom. Só a **cozinha** é que é pequena.¹⁰

Ao tecer comentários sobre esse exemplo, a autora afirma que o sintagma “a **cozinha**” é compreendido como “a **cozinha do apartamento que Roberto alugou**”, devido a dois fatores: em primeiro lugar, por causa do Princípio Cooperativo, formulado por Grice (1975), associado à nossa imposição de organização do mundo, que nos levam a admitir que duas frases juntas devem formar um texto, e que este texto deve conter alguma lógica; em segundo lugar, por causa do conhecimento do mundo possuído pelos interlocutores, que compreende informações como, por exemplo, que apartamentos têm cozinhas. Em outras palavras, o item apartamento gera a expectativa de que haja também uma cozinha. O receptor é, então, capaz de inferir que a cozinha em questão pertence certamente ao apartamento ao qual se faz referência na primeira sentença.

Vê-se, portanto, que os possíveis antecedentes de anáforas não são somente os itens lingüísticos explícitos no discurso, mas também os itens que fazem parte de um esquema proposto num enunciado. Entende-se esquema, no trabalho mencionado, “(...) como uma fatia do mundo dos conceitos que pode ser estimulada por uma expressão lingüística. Os esquemas são compostos de informações que estão ligadas umas às outras, num processo interativo, compondo uma espécie de circuito mental”. (Fulgêncio, 1983, p. 82)

Assim como em (9), o esquema mental evocado permite a menção definida destacada, em (8) pode-se interpretar: “detestei a *pizza* da outra *pizzaria*”. Isso significa que, nesse caso, não é objeto incorporado que está introduzindo uma entidade posteriormente retomada por um SN definido, mas é o esquema mental ativado pelo item “*pizzaria*” que permite a referência ulterior “a *pizza*”.

Os demais casos que pareciam contrariar a hipótese (I) são semelhantes a (8), também encontrando explicação com base nos esquemas mentais evocados. Logo,

¹⁰ Este exemplo, no original, tem a seguinte numeração: (5).

a hipótese não chega a ter, na realidade, exemplos que forneçam evidência em contrário.

Ao se explorar a função discursiva do objeto incorporado, uma segunda hipótese se apresenta, com base em Saraiva (1997a):

- (II) O objeto incorporado tem uma função classificatória em relação à ação ou processo expresso pelo verbo.

O objeto incorporado é uma pista, para o interlocutor de que ele não precisa se preocupar em focalizar a atenção no nome, mas no evento em questão. Um verbo e um SN nu objeto juntos são usados para expressar o conceito de um predicado unitário, no dizer de Velázquez-Castillo (1995).

Para exemplificar, observe-se o dado (10):

- (10) (...) e nisso a gente passa...
anda mais uma... duas horas de ônibus... ônibus hoRRÍvel também...
e nós chegamos até à alfândega chilena
pra gente mostrar...
apresentar bagagem...
ter que abrir... aquele processo to::do...
e **mostrar passaporte...**
bom:: depois disso foi... nós ficamos parado em Peuja...
e de lá... nós seguimos para o nosso destino final
que seria éh:: Puert Montt... (...)
(N03:06c-15c)

Em (10), o que está em foco é o processo rotineiro de embarque em um aeroporto e, mais precisamente, o processo de verificação dos documentos e bagagem em uma alfândega. “Apresentar bagagem” e “mostrar passaporte” fazem parte da enumeração de eventos que mostram o que o passageiro, normalmente, faz em uma alfândega. Neste trecho, o falante não dirige a atenção para “bagagem” ou “passaporte”.

Nas 87 ocorrências de objeto incorporado analisadas, sistematicamente foi comprovada a função classificatória desse constituinte em relação ao verbo, confirmando-se, assim, a hipótese (II).

Tendo em vista o objetivo desta seção, levanta-se uma terceira hipótese em relação ao papel discursivo do objeto incorporado:

- (III) A incorporação nominal acrescenta informação extra ao verbo, sem bloquear o fluxo da narrativa.

Esta hipótese, aqui levantada para o português, é originalmente postulada para o guarani por Velázquez-Castillo (1995), em “A incorporação nominal e a colocação do objeto no discurso: o caso do guarani”. Nesse artigo, a autora propõe-se analisar os efeitos semânticos e comunicativos da incorporação nominal em um número de situações de fala, extraídas de fábulas regionais do guarani, língua indígena falada em determinadas partes de países da América do Sul como Paraguai, Brasil e Argentina.

A partir do estudo de Velázquez-Castillo (1995), levanta-se a hipótese (III) para a análise do *corpus* em português. O exame do dado a seguir comprovará sua adequação. Verifique-se:

- (11) (...) e... e::... eu e o meu marido estavam... éh:: estávamos... éh:: sentindo a necessidade de **ter filhos...**
 um dos fatores... por causa da iDA::de... que a gente já TAva assim...
 numa idade legal
 pra gente **ter filhos...**
 {já tinha passado um tempo bom:: /ÉH DOIS ANOS... NÉ?::/} (...)
 (N09:03a-07a)

Em (11), a esposa expõe sua necessidade de ser mãe (“ter filhos”). Em nenhum momento, ela manifesta, ao usar a expressão “ter filhos”, o número de filhos que deseja, qual o sexo do bebê, qual a cor dos olhos do bebê, etc. A manifestação da esposa, quando ela diz sentir necessidade de “ter filhos”, pode até significar ter apenas um filho ou uma filha. Ou seja: **verbo + objeto incorporado**, nesse exemplo, como nos demais analisados, formam um conceito unitário, um todo coeso, que atende ao propósito comunicativo do falante sem interromper o fluxo da narrativa com o deslocamento da atenção para o **nome**.

Isso significa que a incorporação nominal é um recurso usado pelo falante para nomear um tipo ação ou processo, um evento específico, muitas vezes, inclusive, preenchendo lacunas do léxico. Por exemplo: para as ações de “fazer macarrão” ou “fazer biscoito”, não se registram, no léxico, verbos como “macarronear” nem “biscoitear” ou “biscoitar”. Mas, na gramática, o falante tem a opção de “criar” uma expressão que atenda às suas necessidades de comunicação.

Observe-se mais um dado ilustrando essas considerações:

- (12) (...) e aÍ fui pro so::ro...
 aÍ te::ve as contrações...
 aí que a bol::sa rebentou...
 e::... eu tive que fazer cesariana

porque::... aINda continuou::... com dois cenTÍmetros de dilatação...
fui::... fiz cesariana...
ela...éh::... nasceu Ótima... (...)
(N04:09-15)

No trecho acima, as expressões “fazer cesariana/fiz cesariana” codificam o tipo de ato cirúrgico a que a paciente se submeteu devido a complicações no parto. Todavia, esse evento é um dentre vários outros narrados em uma seqüência de acontecimentos que envolveram a parturiente, participante central nesse texto.

Em outras palavras, em (12), as expressões com objeto incorporado são usadas para codificar um processo para o qual não há um item léxico único em português. Além disso, esse processo é apresentado como parte de uma enumeração de outros fatos. Não há “quebra” do fluxo da narrativa com o uso dessas construções, conforme previsto pela hipótese (III).

Essa hipótese é confirmada em 100% dos dados analisados neste estudo. Nos 87 casos de objeto incorporado, o SN nu objeto acrescenta informação extra ao verbo, sem bloquear o fluxo da narrativa, no sentido acima exposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por principal objetivo analisar o comportamento funcional-discursivo do objeto incorporado em narrativas orais do português.

Em síntese, a análise do papel discursivo desempenhado pelo objeto incorporado demonstra a adequação das três hipóteses investigadas e sua confirmação pelos dados examinados. Abaixo registram-se, mais uma vez, as hipóteses confirmadas pela investigação:

- (I) A característica [-M] do objeto incorporado em português indica que tal elemento não introduz nem retoma participante do discurso.
- (II) O objeto incorporado tem uma função classificatória em relação à ação ou processo expresso pelo verbo.
- (III) A incorporação nominal acrescenta informação extra ao verbo, sem bloquear o fluxo da narrativa.

ABSTRACT

This paper adopts the concept of noun incorporation developed by Saraiva (1997a, b), and, based in this concept, aims at exploring the discourse function of that object, namely the functions which the nude NP performs in Portuguese language discourse. Studying said phenomenon under a broader perspective may allow the comprehension of what precedes and follows this linguistic unit, as the recurrence of this unit type in similar and diverse environments.

Referências bibliográficas

- CUNHA, Angélica Furtado, OLIVEIRA, Mariângela Rios de, VOTRE, Sebastião. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 83-111, 1999.
- FULGÊNCIO, Lúcia. Exame da conceituação de anáfora e das suas relações com as noções de dado/novo. *Ensaios de Lingüística*, Belo Horizonte, v. 9, p. 71-93, 1983.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, v. 1, 1984.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GONÇALVES, Clézio R. *O objeto incorporado no discurso narrativo do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (Dissertação, Mestrado em Estudos Lingüísticos).
- GRICE, H. Paul. Logic and conversation. In: COLE, P. & MORGAN, J. (Ed.) *Speech acts*. New York: New York Academic Press, 1975. p. 41-58. (Syntax and Semantics, v. 3).
- HAIMAN, John. Ritualization and the development of language. In: *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1994 *apud* OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Estratégias discursivas e gramaticais do uso da adjetiva. Rio de Janeiro: UFF, 1998. (Mimeogr.).
- MARTELOTTA, Mário E., VOTRE, Sebastião J. e CEZARIO, Maria M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- NARO, Anthony & VOTRE, Sebastião J. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. In: *DELTA*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 285-290, 1992.
- PONTES, Eunice S. L. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- SANKOFF, Gillian & BROWN, Penelope. The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives. In: SANKOFF, G. (Ed.). *The social life of language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1976 *apud* OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Estratégias discursivas e gramaticais do uso da adjetiva. Rio de Janeiro: UFF, 1998. (Mimeogr.).
- SARAIVA, Maria Elizabeth F. *Buscar menino no colégio: a questão do objeto incorporado em português*. Campinas (SP): Pontes, 1997a.
- SARAIVA, Maria Elizabeth F. *A distribuição do objeto incorporado no discurso narrativo do português*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1997b. (Mimeogr.).
- SILVEIRA, Elizabeth. *O aluno entende o que se diz na escola?* Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997.
- VELÁZQUEZ-CASTILLO, Maura. Noun incorporation and object placement in discourse: the case of guarani. In: DOWING, Pamela & NOONAN, Michael. *Word order in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.